

## SOLIDÃO DA MULHER NEGRA IDOSA NO RECÔNCAVO BAIANO

Rosemeire da Hora dos Santos<sup>1</sup>

Andressa de Freitas Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisamos os impactos da solidão na vida de duas mulheres negras idosas do recôncavo baiano a partir de uma perspectiva interseccional. Para isso, optou-se metodologicamente pela pesquisa qualitativa, fundada no paradigma interpretativo/hermenêutico. Como técnica de pesquisa, utilizamos as entrevistas a fim de conhecer suas narrativas de vida. Os resultados da investigação apontam que a maior longevidade feminina não é sinônimo de viver bem. A solidão é um fenômeno complexo e subjetivo que causa um estado psíquico de sofrimento e pode ser refletido no corpo e nas relações sociais das pessoas. No caso das mulheres idosas, ela realiza-se a partir de outras categorias e dimensões sociais, como sua raça/etnia, sua classe social, seu nível educacional, condições de saúde, etc. Nesse sentido, o imbricamento dessas categorias tende a produzir dimensões mais profundas das desigualdades.

**Palavras-chave:** envelhecimento; solidão; mulheres idosas; interseccionalidade.

**Abstract:** In this article we analyze the impacts of loneliness on the lives of two elderly black women from the Recôncavo Baiano in an intersectional perspective. For this, we opted methodologically for qualitative research, founded on the interpretative/hermeneutic paradigm. As a research technique we used interviews in order to collect their life narratives. The results of the research point out that greater female longevity is not synonymous with living well. Loneliness is a complex and subjective phenomenon that causes a psychic state of suffering and can be reflected in people's bodies and social relations. In the case of elderly women, it is realized from other social categories and dimensions, such as their race/ethnicity, social class, educational level, health conditions, etc. In this sense, the entanglement of these categories tends to produce deeper dimensions of inequalities.

**Keywords:** aging; loneliness; older women; intersectionality.

---

<sup>1</sup> Assistente Social, graduada pela Universidade Católica do Salvador (2018), graduação em Ciências Sociais pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (2023), especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social (2023)..

<sup>2</sup> Doutora pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com realização do doutorado sanduíche pelo período de um ano na França, em Aix-Marseille Université, financiado pela CAPES. Possui mestrado em Ciências Sociais e graduação (licenciatura em Ciências Sociais e bacharelado em Antropologia) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é professora adjunta A da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

## Introdução

No Brasil, observa-se uma forte presença feminina no total da população idosa<sup>3</sup>. A preponderância feminina decorre da maior mortalidade masculina e aumento da expectativa de vida das mulheres. Envelhecer é um processo natural da vida humana, todavia, dependendo dos contextos e condições em que ele é vivenciado, poderá gerar sérios problemas sociais. Portanto, evidencia-se que a solidão é um desses problemas, sendo as mulheres as mais acometidas.

A solidão não deve ser compreendida como algo específico da velhice, ela pode se manifestar em qualquer fase da vida. Por isso, entendemos a solidão como um fenômeno complexo e subjetivo que pode ser vivenciado por qualquer indivíduo e por diferentes fatores situacionais. Segundo Neto (2015), citado por Dias e Serra (2018), existem três aspectos, comumente presentes na literatura, em relação à definição da experiência da solidão. Primeiro, a solidão é uma experiência subjetiva (expressa uma insatisfação da pessoa, sentir-se só) e não está necessariamente ligada ao isolamento objetivo (medido pelo número de contatos sociais que a pessoa estabelece, ou seja, estar só); segundo, essa experiência é psicologicamente desagradável e angustiante e, por último, a solidão resulta de um tipo de relacionamento deficiente, ela está para além da falta de companhia ou isolamento. Assim, de acordo com Azeredo e Afonso (2016, p. 314) “a solidão é um sentimento difícil de expressar, sendo um constructo complexo e subjetivo que muitas vezes é confundido com o estar só ou isolado”.

Diante disso, levantamos a seguinte questão: de que maneira o sentimento de solidão impacta a vida das mulheres idosas, no Recôncavo Baiano, e como esses efeitos se complexificam a partir da intersecção dos marcadores sociais de raça e classe? Dessa forma, objetiva-se, neste trabalho, analisar os impactos da solidão na vida de duas mulheres idosas do recôncavo baiano – uma oriunda de São Francisco do Conde e outra de Santo Amaro, e como esses efeitos se complexificam conforme a intersecção dos marcadores sociais de raça e classe.

---

<sup>3</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), de acordo com o Censo Demográfico 2022 (Segunda Apuração), a população de pessoas idosas residente no Brasil era de 32.113.490 pessoas, representando um acréscimo de 56,0% em relação àquela recenseada em 2010. Dessa população total, 17.887.737 (55,7%) eram mulheres e 14.225.753 (44,3%) eram homens.

Delimitamos geograficamente o Recôncavo Baiano, especialmente os municípios de São Francisco do Conde e Santo Amaro, como local de pesquisa. O estado da Bahia é dividido em regiões administrativas e territórios de identidade. O Recôncavo Baiano, região geográfica que circunda à Baía de Todos os Santos, é considerado um território de identidade, com forte importância histórica. São Francisco do Conde, um dos municípios que compõe esse território, foi uma das primeiras povoações coloniais da América portuguesa, estabelecida na segunda metade do século XVI no âmbito dos esforços da Coroa de assegurar o controle do território no entorno da Baía de Todos os Santos (Brandão, 1998).

As cidades de São Francisco do Conde e Santo Amaro são marcadas pela cultura afro-brasileira, com uma população predominantemente negra em seu território. Segundo o censo de 2022, São Francisco do Conde possui 38,7 mil habitantes, tem 49,9% de população preta, 44,1% de pardos, 5,7% de brancos e menos de 1% de amarelos e indígenas. Dentro de seus limites, estão as comunidades quilombolas de Ilha do Paty, Monte Recôncavo e Porto de Dom João. São 2,2 mil autodeclarados quilombolas no município, 5,8% da população total. (Carranço, 2023).

Santo Amaro, por sua vez, tem 56 mil habitantes, sendo 50,9% de autodeclarados pretos, 43,1% de pardos, 5,8% de brancos e menos de 1% de amarelos e indígenas, segundo o Censo 2022. Da população, 6,9 mil se declaram quilombolas, ou 12,4% do total da população. (Carranço, 2023). As cidades de São Francisco do Conde e Santo Amaro estão entre as nove mais negras do país e possuem realidades muito específicas, marcadas por uma forte influência do processo histórico de escravização da população negra africana. Segundo o IBGE (2022), essas cidades possuem um alto índice de pobreza e desigualdade social assim como um baixo índice de desenvolvimento humano (IDH).

Os sujeitos da pesquisa fazem parte desse contexto, são duas mulheres negras, oriundas do Recôncavo Baiano, de classe trabalhadora autônoma precária, com ausência de qualificação, alta variabilidade de renda e desocupação sazonal (Pompeu; Magalhães; Araújo; Yannick, 2020). São também mulheres idosas, quer dizer, com idade igual ou superior a sessenta anos, conforme preconiza o Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741).

Quanto à metodologia, optamos pela pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo. Nesse sentido, a pesquisa busca menos produzir uma amostra estatística da realidade do que compreender a vida dessas duas mulheres a partir da interpretação das

suas narrativas de vida. Sabe-se, entretanto, que a vida de uma pessoa sempre nos diz sobre as dimensões sociais de sua existência. Assim, as narrativas de vida dessas mulheres não se encerram em si mesmas, mas nos contam sobre o contexto social desse território.

Para coleta de dados, utilizamos como instrumento a entrevista, visando registrar suas narrativas. Foram realizadas duas entrevistas com cada uma das interlocutoras, com duração, em média, de uma hora e meia. As entrevistas foram realizadas em suas residências, com encontros previamente combinados e com o intuito de pensar a relação entre idade, solidão, gênero, classe social e raça. As interlocutoras aceitaram participar da pesquisa, receberam os esclarecimentos devidos e, em função de não saberem escrever, deram o consentimento oralmente.

As narrativas de vida permitem ao narrador reviver os eventos que marcaram sua vida e reexperimentar os sentimentos e emoções que lhes são associados. Entretanto, é importante ressaltar que a experiência individual serve de fundamento para uma experiência comum, ou seja, uma experiência social e coletiva, pois os aspectos subjetivos de suas vivências são uma parte importante no processo de construção das identidades e essas são construídas em contextos históricos e socioculturais particulares (Brandão, 2007). Assim,

Através do individual é possível chegar à compreensão do modo como o universal se manifesta na singularidade, pois, como sublinha Lahire (2005: 14), estudar o social individualizado é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada, permitindo compreender como a realidade “exterior”, através da experiência socializadora, se faz corpo. (Brandão, 2007, p. 5).

Nesse estudo, utilizamos o conceito de interseccionalidade, que significa “intercruzamento de desigualdades sociais, incluindo classe, “raça” / etnia, gênero, deficiência e sexualidade, que gera padrões mais complexos de discriminação do que se esses conceitos fossem dimensionados isoladamente.” (Giddens; Sutton; 2018 p. 153). Segundo Collins e Bilge (2021, p.3-4):

[...] a interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. (...) é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

Esse conceito serve como uma ferramenta de análise, uma lente teórica através da qual é possível visualizar e compreender as questões estruturais decorrentes do imbricamento entre dois ou mais sistemas de subordinação que tendem a produzir complexos padrões de desigualdades e opressões. É importante ressaltar que a interseccionalidade não estabelece uma hierarquia ou somatória de opressões, pois não existe uma matriz mais importante que a outra.

Ela nos ajuda a entender como cada categoria vai se relacionando e se sobrepondo a fim de captarmos como as estruturas de poder são construídas, como esses eixos interligados criam complexas relações que tendem a discriminar e excluir indivíduos e grupos distintamente. Assim, a interseccionalidade “revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe” (Akotirene, 2019, p. 30).

Quanto à estrutura, o artigo apresenta, além desta introdução, uma breve discussão sobre como o fenômeno da solidão se apresenta na vida das mulheres idosas. Em seguida, discutimos os dados das entrevistas, contamos a trajetória de vida de cada uma dessas mulheres através da análise de suas narrativas e a partir do diálogo com os teóricos que vem produzindo discussões sobre o tema proposto, a fim de dar conta de responder às questões que substanciam o objeto desse estudo.

Por fim, as considerações finais, onde refletimos sobre como a solidão afetou a vida dessas duas mulheres idosas, negras e trabalhadoras precarizadas no Recôncavo Baiano. Nesse sentido, considerando os diferentes aspectos de suas vidas, foi possível verificar que a solidão é um sentimento subjetivo, complexo e difícil de se expressar, que afeta o corpo, a mente e as relações sociais dos indivíduos. A partir do embricamento das diferentes opressões que cruzam os corpos dessas mulheres, evidenciamos profundas e complexas dimensões das desigualdades em suas trajetórias, manifestadas em suas experiências sociais, políticas e pessoais.

## **2 O Fenômeno Da Solidão Na Vida De Mulheres Idosas**

Entender o processo de envelhecimento, assim como a própria velhice, é bastante complexo. Este é um processo que acontece de forma heterogênea. Portanto, a diversidade do envelhecimento deve ser distinguida tanto do ponto de vista subjetivo quanto do social.

Assim, primeiro, entendemos que cada um envelhece a seu modo e, segundo, a partir dos diferentes contextos em que vivem, suas características culturais, socioeconômicas, étnico-raciais, políticas, educacionais, de gênero, e também quanto ao seu estado de saúde.

Para Motta, Delgado e Cavalcanti (2018), envelhecer não é um processo que acontece de repente, pelo contrário, são mudanças que ocorrem em nossa trajetória de vida, “nos corpos, nas vivências, nos sentimentos e avaliações sociais” (Motta; Delgado; Cavalcanti, 2018, p. 62). Para elas, envelhecer é um processo que se insere “nas múltiplas experiências humanas, saberes e convívios, diferente para cada pessoa humana, segundo suas trajetórias de gênero, de classe social e étnico-raciais, de territórios, além dos contextos familiares e de tantas outras condições sociais. Dessa forma, cada pessoa envelhece conforme as particularidades de suas histórias de vida em consonância com aspectos sociais estruturais, tais como o racismo, as desigualdades econômicas e de gênero.

Conforme os Descritores em Ciências da Saúde — (DeCS), a solidão refere-se ao estado de tristeza e desânimo resultante da falta de companhia ou do fato de se estar separado dos outros. Para Motta (2018, p.89), ela significa “uma falta de conexão e satisfação emocional de uma pessoa em relação às outras, um sentir-se sem afeto, apoio ou aceitação” Segundo Pais (2013), para entendermos a solidão, ainda que como um sentimento pessoal, é preciso olhar para o seu lado oposto, aquele sendo tecido de laços sociais.

Por essa razão é que uma possível sociologia ou antropologia dos sentimentos ou das emoções só faz sentido quando buscamos o lado social do que nos parece (ou aparece) como um fenômeno centrado no indivíduo. Por isso mesmo, na conceituação da solidão, proponho a metáfora da moeda para significar um equivalente geral de trocas – de trocas afetivas – pois o sentimento da solidão flui num leito (solus) determinado por duas margens de variabilidade convergente: o isolamento e o relacionamento. (Pais, 2013, n.p.).

Os estudos de Motta (2018) vêm revelando que as mulheres idosas vivenciam a situação de quem não desperta interesse, de quem não é mais convidada, de quem é “diferente”, de quem se sente à margem, “exatamente porque, material ou simbolicamente, está posta à margem, mesmo”, (Motta, 2018, p. 89). Esta situação é ainda

mais perversa para aquelas que estão asiladas, excluídas do convívio familiar, jogados em lares ou hospitais como ‘doentes’, ou seja, ‘pesos mortos’.

Para ela, o que irá proporcionar a condição de solidão na vida das mulheres idosas serão “os seus modos de vida, isto é, a sua elaboração de gênero enquanto condição social e política desigual, desprivilegiada. O que se realiza com a articulação ou intersecção com suas referidas possibilidades enquanto classe social, raça, grau etário e geração, nível de educação e informação.” (Motta, 2018. p.94). Portanto, pensar os impactos da solidão na vida das mulheres idosas, negras, de baixo poder aquisitivo e do Recôncavo Baiano exige um olhar diferenciado frente às distintas realidades em que essas mulheres estão inseridas, pois, cada uma dessas categorias poderá potencializar ou minimizar os efeitos desse sentimento.

### **3 Trajetórias De Duas Mulheres Negras Idosas No Recôncavo Baiano**

#### **3.1 Edina Celestino<sup>4</sup>**

Dona Edina, conforme é conhecida na comunidade em que nasceu e residiu durante toda a vida, é uma mulher negra, viúva, solteira, analfabeta de 74 anos. Edina Celestino nasceu em 02 de maio de 1948, no bairro da Muribeca, em São Francisco do Conde. Filha de Adalgiza Dias de Jesus e Cirilo de Jesus, uma entre 10 irmãos vivendo uma vida simples de muita luta, porém de muito amor. Moravam em uma casa simples, de barro, porém espaçosa. Na falta de cama, os irmãos dormiam em esteiras, que à noite eram estendidas nos quartos e algumas na sala. Embora tenham tido uma vida marcada pelo duro trabalho na roça e pelas dificuldades financeiras, eles eram, segundo Edina, muito felizes

Sua infância foi marcada por brincadeiras na rua com os irmãos e demais crianças da comunidade. Brincavam e se divertiam juntos. Uma de suas brincadeiras favoritas era montar cavalinhos de pau, o que era recriminado por muitos adultos do seu ciclo de convivência, pois para eles aquela não era brincadeira de menina. Nesse sentido,

---

<sup>4</sup> Os nomes das interlocutoras desta pesquisa são reais, utilizados com suas devidas autorizações.

entendemos como desde muito cedo as crianças são socialmente condicionadas pelo gênero. Os estereótipos de gênero, que define quais objetos, brinquedos ou brincadeiras são de menino, ou de menina, se reproduzem há gerações. Esses padrões que, ao longo do tempo, se perpetuam na sociedade, influenciam como muitas crianças se comportam e compreendem a si mesmas. Assim, papéis específicos são atribuídos a homens e mulheres (De Beauvoir, 1980; Rubin, 1993).

Devido aos poucos recursos, a família não podia comprar brinquedos, então, as crianças costumavam improvisar. Por exemplo, quando ia para a roça com os pais, Edina colhia espigas de milho e com muita imaginação fazia delas as suas bonecas. Seu sonho de infância era ganhar uma boneca, porém, teve de abdicar dele, pois entre comprar comida ou uma boneca, a primeira opção era sempre a escolha feita. Da terra provinham os recursos para a subsistência da sua família e, do trabalho na roça, comiam e vendiam seus frutos.

A primeira vez que foi para a escola ela tinha entre 09 e 10 anos. Contudo, manter-se naquele espaço era muito difícil, razão pela qual ela não deu sequência aos estudos, parando na terceira série do ensino fundamental. Sobre essas dificuldades ela diz:

A gente ia pra escola a pé por dentro do mato, aqui por cima que era chamado alto do sertão ou por baixo, por Caípe (...). Não tinha carro, não tinha nada, faça chuva ou faça sol, a gente ia andando. Não concluí meus estudos, fui até a 3ª série. (...) era difícil sair daqui todo o dia lá pra Mataripe, atravessava de canoa pro outro lado, andano, e na volta, a mesma coisa, chegar em casa na chuva, no sol e com fome. Então, para mim, foi mais fácil parar que continuar.

Hoje, Edina sofre as consequências disso, ela não sabe nem assinar o próprio nome<sup>5</sup>. Quando pensamos a velhice a partir da perspectiva do gênero, visualizamos o quão complexa ela pode ser. Para as mulheres, essa fase pode ser bem cruel, visto que, ao longo da vida, elas acumulam inúmeras situações e circunstâncias decorrentes do conjunto das desigualdades, violências e discriminações relacionadas à sua condição de mulher. Essas situações as colocam em uma condição de vulnerabilidade e, sem dúvidas, irão determinar em qual estado elas alcançam a velhice que, em sua maioria, é marcada por problemas de saúde e desigualdade educacional e socioeconômica.

---

<sup>5</sup> Edina cresceu na zona rural e tinha que caminhar longas distâncias para chegar na escola mais próxima da sua casa.



No caso de dona Edina, além da questão de gênero, ainda temos a questão socioeconômica e de território geográfico. Historicamente, alunos de áreas rurais têm maiores dificuldades em relação ao acesso e permanência nos espaços formais de educação. Entraves de natureza sociocultural e econômicos, como longas distâncias, pobreza extrema, falta de transporte ou transportes precarizados, dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho rural, são alguns dos fatores que contribuem para a evasão escolar desses alunos.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), realizada pelo IBGE (2019), no módulo sobre educação, revelam que entre 2016 e 2018, mesmo com os avanços na alfabetização e escolarização das crianças e jovens, o nível de instrução das pessoas com idade entre 25 a 64 anos ainda continuava abaixo do esperado, sendo o grupo de idosos os mais prejudicados, os índices de analfabetismo ainda se concentrando nesse grupo:

Em 2018, havia 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabiam ler e escrever, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 6,8%. Em relação a 2017, houve uma redução de 121 mil analfabetos. Entre pessoas brancas, 3,9% eram analfabetas, enquanto para as de cor preta ou parda a taxa chegou a 9,1%.

O analfabetismo concentrava-se na faixa de 60 anos ou mais, atingindo 18,6% das pessoas desse grupo de idade, proporção que representa 6 milhões de idosos analfabetos. A taxa de analfabetismo reflete as desigualdades regionais, com as taxas mais elevadas no Nordeste (13,9%) e Norte (8%), enquanto no Sudeste era de 3,5%. (IBGE, 2019, s.p.)

Dona Edina casou-se muito cedo, tinha entre 14 e 15 anos, devido a uma gravidez não planejada. Segundo os costumes da época, eles tiveram de se casar, embora nunca tenham convivido como cônjuges. Possuíam apenas a condição civil, mas não os vínculos afetivos. Ficaram legalmente casados por dez anos. Entretanto, com a gravidez, e a imposição do casamento, Dona Edina foi abandonada pelo companheiro, passando todo o período da gestação sem a presença paterna e assumindo sozinha os cuidados e a criação da filha. Esse momento só não foi pior, segundo ela, pois recebeu o apoio dos pais. Inicialmente, a gravidez foi uma experiência bem assustadora, mas após um primeiro contato com a menina, tudo mudou.

Dona Edina nunca se separou legalmente desse marido, contudo, um pouco mais velha, juntou-se a outro companheiro, com quem teve mais 5 filhos. Viviam uma relação

conturbada, de altos e baixos, marcada por muitas traições, o que fazia com que ela não se sentisse amada, embora a convivência tenha sido duradoura. A questão financeira da família era sempre um ponto marcante nas suas falas. Esse foi um dos motivos dela permanecer nessa relação, pois se preocupava com a criação dos filhos. Ela se sentia humilhada por depender financeiramente do companheiro. Nessa época, ela não trabalhava fora, vivia apenas como dona de casa, tendo, porém, trabalhado antes como lavadeira e empregada doméstica.

A fala de D. Edina revela uma importante problemática: embora ser dona de casa no Brasil seja, desde 1991, legalmente considerada profissão, socialmente essas mulheres não são reconhecidas como trabalhadoras. Muitas mulheres, que optam exclusivamente pelo trabalho do lar - cuidar da família, lavar, cozinhar, cuidar e educar os filhos, etc. -, assumem um trabalho não remunerado, em muitos casos sem a ajuda do companheiro e sem nenhum reconhecimento.

Nesse sentido, a cultura patriarcal defende que as mulheres sejam as responsáveis, majoritariamente, pelo cuidado com a casa, um trabalho árduo e invisível. Conforme observa a escritora norte-americana Angela Davis (2016), no livro *Mulheres, Raça e Classe*, o fato do trabalho doméstico não gerar lucro o definiu como, naturalmente, uma atividade inferior, uma inatividade econômica, se comparada à atividade assalariada capitalista.

Cansada das traições do companheiro, Dona Edina decidiu pôr um fim nessa relação, mas, financeiramente, a situação permaneceu a mesma. Nesse período, os filhos mais velhos já faziam trabalhos remunerados, então, eles ajudavam como podiam com as despesas da casa. Sua relação com os filhos sempre foi muito harmoniosa. Sofreu uma perda bem dolorosa, seu filho caçula morreu aos 18 anos devido às consequências de um acidente jogando futebol.

Nessa época, uma de suas filhas trabalhava como empregada doméstica em Salvador. Segundo Dona Edina, ela foi a única das três filhas a sair cedo de casa para trabalhar, além de ter sido a única a não concluir os estudos. Ela conta que, naquele contexto, o trabalho doméstico era a única opção, ou seja, se não fosse empregada não tinha outra atividade remunerada. Em relação a isso, perguntei-lhe se ela entendia existir uma relação entre o fato dessa filha ter tido menos instrução educacional e ter decidido trabalhar como doméstica. Ela respondeu que, para ela, isso não interferiu.

Entretanto, sabemos que as trajetórias educacionais das mulheres negras são impactadas pelas desigualdades sociais do nosso país. Hoje, graças às políticas públicas de incentivo ao acesso e permanência nos espaços escolares, as mulheres são mais escolarizadas que os homens. Todavia, isso ainda não é refletido no mercado de trabalho, pois as mulheres continuam ganhando menos (Rodrigues, 2021); (Feijó, 2023).

Em nossas conversas, refletimos sobre cada fase de sua vida e, finalmente, chegamos à velhice. Para ela, envelhecer tem sido uma experiência ótima, exceto pelos problemas de saúde. Dona Edina conta que sua qualidade de vida e capacidade de realizar determinadas atividades não mudaram muito desde que seu corpo começou a envelhecer, ela se sente muito ativa. Ama ser idosa, a única coisa que a incomoda é que com a velhice vieram a diabetes e a hipertensão.

Ela conta que foi a partir dos 60 anos que começou a perceber que seu corpo não era mais o mesmo, algumas dores, algumas limitações e, então, se deu conta de que estava envelhecendo. Ao longo da entrevista, ela expressa que a velhice tem sido a melhor fase de sua vida. Parte desse sentimento está relacionado a sua situação financeira, ela diz que foi quando conseguiu a pensão do ex-marido. Embora, com todas as despesas, o sentimento de ter uma renda fixa, como alguém que nunca vivenciou a experiência de um trabalho formal, lhe deixa muito feliz e tranquila.

Atualmente, Dona Edina continua morando na Muribeca, residem três pessoas em sua casa: ela, sua filha e sua neta. Financeiramente, vivem num regime de cooperação. Todas se ajudam mutuamente e dividem as despesas do lar. A renda de sua filha provém de benefícios sociais de transferência de renda (PAS<sup>6</sup> e Bolsa Família<sup>7</sup>), sua neta costuma fazer bicos em lojas do comércio na cidade de Candeias. E ela, além do valor proveniente da pensão, um salário mínimo, costuma vender cerveja e refrigerante em casa para complementar a renda.

Hoje, seus maiores gastos são com a saúde, segundo ela, parte do valor proveniente da pensão é gasto com remédios. Ela precisa fazer uso contínuo de remédios para o controle da diabetes e da hipertensão. O primeiro, ela precisa tomar quatro comprimidos por dia, dois pela manhã e dois pela tarde, já o segundo, ela toma uma vez

---

<sup>6</sup> Programa de Acolhimento Social de Complementação de Renda do município de São Francisco do Conde, instituído pela Lei Municipal n.º 078/2009 de 15 de janeiro de 2009.

<sup>7</sup> Programa destinado à transferência direta e condicionada de renda do Governo Federal, instituído pela Lei n.º 10.836, de 9 de janeiro de 2004.

por dia. Assim, metade do valor da pensão é gasto na compra de remédios, o que sobra é gasto nas despesas de casa.

Segundo Nogales (1998, apud Camarano, 2002), as mulheres idosas experimentam uma maior probabilidade de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa:

[...] uma grande parte das mulheres é viúva, vive só, sem experiência de trabalho no mercado formal e são menos educadas. Nem sempre a maior longevidade feminina é vista como vantagem. A maior esperança de vida faz com que muitas mulheres idosas passem pela experiência de debilitação biológica devido a doenças crônicas, enquanto os homens morrem antes. (p. 04)

De acordo com Nicodemo e Godoi (2010, p. 41):

As mulheres, mesmo conseguindo uma maior longevidade, acumulam, no decorrer da vida, desvantagens (violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla jornada, etc.) e têm maior probabilidade de serem mais pobres do que os homens e dependendo assim de mais recursos externos.

Em relação à solidão, Dona Edina, às vezes, costuma se sentir sozinha, especialmente quando as pessoas com quem convive saem e, então, ela se percebe sem companhia. Nesses momentos, ela costuma ter vários pensamentos que muitas vezes não consegue entender, são pensamentos e sensações que lhe deixam triste, pois para ela é muito ruim ficar sozinha. Mesmo quando sua filha está em casa, ela diz que continua se sentindo só, pois sua filha não é de conversar muito. Ela gosta de pessoas que conversem com ela, pois é uma ótima maneira de passar o tempo. Caso sua filha e neta não morassem com ela, ela se sentiria pior, pois morar sozinha é ruim.

Esse sentimento não aparece toda hora, ou seja, ela não vive um estado constante de solidão, justamente por ter sempre muitas pessoas a sua volta. Ela conta que sua nora é sua vizinha, então, quando bate o sentimento de solidão, costuma ir lá conversar um pouco. As demais netas estão sempre em sua casa, bem como os demais filhos, exceto um, que hoje mora em outro estado. Somente em alguns momentos, ela se sente sozinha e, nesses momentos, costuma ficar triste e angustiada.

Em suas palavras, a solidão é: “o pessoal ficar em casa se sentindo só, não ter ninguém dentro de casa para conversar.”. Nesse sentido, para Dona Edina a solidão está

associada apenas ao isolamento objetivo, aquele medido pelo número de contatos que a pessoa estabelece, ou seja, estar só, sem muitas companhias.

Dona Edina fica bastante em casa, não porque não seja convidada para festas ou aniversários, mas porque gosta. Ama receber seus sobrinhos, ter a casa cheia. Ela contou que faz parte e ama participar de um centro de convivência para idosos. É inegável a importância desses espaços, em que os idosos podem interagir e manter suas sociabilidades ativas, por meio de atividades desenvolvidas, o que promove a autonomia e independência desses sujeitos assim como possibilita qualidade de vida enquanto envelhecem.

Quando as atividades precisam ser suspensas, ela fica triste, pois lá encontra pessoas conhecidas e faz novas amizades, é bem tratada pela equipe profissional, participa das atividades e passeios organizados pela instituição, conversa com as pessoas, ela diz que: “É muito bom participar desse grupo de idosos, me ajuda a não me sentir muito sozinha.” Em relação a sua religiosidade, ela se considera católica, mas não frequenta tanto a igreja como fazia antes; ela diz que tem preguiça, pois a igreja está um pouco longe de sua casa e ela tem que ir andando.

Assim, a partir da narrativa de vida de Dona Edina, entendemos que, conforme assinala bell hooks (2020), é impossível separar, no caso das mulheres negras, os conflitos de gênero e de raça, visto que juntos elas são faces imutáveis de um mesmo sujeito (VIANA, 2021). Embora Dona Edina, em sua narrativa, não apresente uma consciência clara sobre as desvantagens da sua condição de classe, raça e gênero no seu processo de envelhecimento, afirmando, inclusive, que a velhice tem sido a melhor fase da vida por ter uma renda mínima, a história narrada demonstra as dificuldades enfrentadas que coadunam com a sua condição de mulher negra, com baixo poder aquisitivo.

Dona Edina cresceu na zona rural, sem acesso à educação, se tornou uma mulher idosa analfabeta, foi mãe solo, o primeiro parceiro a abandonou com um filho, depois casou com um homem, seu segundo marido, que a traiu, o que fazia ela se sentir não amada; nunca teve renda própria, só veio a conquistar alguma autonomia financeira com a morte do segundo marido. Atualmente, vive com um salário mínimo e precisa vender cerveja para complementar a renda. Sua saúde é debilitada e metade do seu salário vai para a compra de remédios. Ainda assim, afirma ser essa a melhor fase da sua vida por ter conquistado um nível mínimo de autonomia financeira.

Nesse sentido, a partir de uma análise interseccional, percebemos que ao cruzarmos gênero, raça e classe fica evidente como, para as mulheres negras, a velhice se apresenta a partir de questões estruturais e socioeconômicas desvantajosas, que, muitas vezes, geram alterações nas condições de saúde, renda e na própria estrutura familiar.

### 3.2 Eliete Passos

Eliete Nascimento Passos, mais conhecida como Ete, tem 65 anos, é natural de Santo Amaro da Purificação, cresceu e, na maior parte de sua vida, residiu na Comunidade Tradicional Pesqueira e Quilombola de São Braz. É uma mulher preta, solteira, de baixo poder aquisitivo que precisou trabalhar muito ao longo da vida para se manter e sobreviver, renunciando aos seus sonhos e sofrendo hoje no seu corpo as consequências da “dureza da vida”.

De acordo com Lucchesi (2017), a sociedade em que vivemos não possibilita qualidade e dignidade ao indivíduo quando chega à idade de 60 ou 65 anos. Para ele,

Em uma sociedade na qual o trabalho é estressante, na qual a maioria dos trabalhadores é superexplorada e os salários não chegam a suprir as mais elementares necessidades, na qual a riqueza produzida não tem uma distribuição razoável, na qual a maioria gasta muito do seu tempo diário em transportes urbanos de baixa qualidade, na qual essa mesma maioria não tem tempo para o lazer, para o cuidado dos filhos, para um descanso que recupere sua energia e sua imunologia, na qual, enfim, a qualidade de vida da maioria é precária (...). (Lucchesi, 2017, p. 49).

Desta forma, entendemos que as condições de vida e de saúde dos indivíduos são socialmente determinadas. Assim, a história de Dona Eliete, como a história de tantas outras mulheres, é o reflexo de uma sociedade estruturada nas desigualdades.

Filha de Helena de Jesus e Carlindo Nascimento Passos, Dona Eliete teve oito irmãos. Moravam em uma casa de barro, na qual ela ainda reside, porém, totalmente reformada. Eles eram muito unidos. Levavam uma vida difícil e de muito trabalho, desde muito pequenos trabalhando na roça com o pai, ou acompanhando a mãe na maré. Dona Eliete conta que tinham de acordar muito cedo, às três ou às quatro horas da madrugada para irem à roça.

Eles mantinham com o seu território uma relação de sobrevivência, afinal era da terra que colhiam os alimentos para a subsistência da família. Sua mãe costumava levar

alguns produtos para vender na feira em Santo Amaro, tais como: mariscos, aipim, batata, milho. Ela sempre almejou sua independência financeira, então, sempre trabalhou, alguns de seus irmãos tinham vergonha de ir vender, mas, ela não. Ela desejava mesmo era ter seu próprio dinheiro. Sua mãe sempre dizia que quem mora à beira-mar não passa fome, só se fosse preguiçoso.

Na infância, quando voltavam do trabalho na roça, eles iam para a escola, às vezes não dava nem tempo de tomar o café da manhã. A questão da educação é um tópico sensível para Dona Eliete. A primeira vez que foi para a escola já estava com a idade avançada, na época não tinha educação infantil, então os pais matriculavam os filhos com bastante atraso. Ela tinha entre 11 ou 12 anos. Seu sonho era concluir os estudos, mas devido às dificuldades financeiras, e o relacionamento difícil com seu pai, ela teve de abdicá-lo.

Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Abandonou os estudos para ajudar financeiramente a família, vez que para ela seria muito difícil conciliar o trabalho como doméstica e os estudos. Com muita alegria, ela recorda um momento marcante vivido na escola, quando foi a escolhida para hastear a bandeira, e ficou muito feliz, pois se sentiu importante.

O relacionamento que tinha com seu pai era “bom”, porém ele era muito violento e, indiretamente, a violência paterna foi um dos motivos que contribuiu para que ela saísse de casa, mas não o maior. Sua saída também foi condicionada pelo desejo de ajudar financeiramente sua mãe e seus irmãos menores, pois a vida da família era um pouco difícil. Sobre o seu pai, ela diz:

Qualquer coisa que a gente fazia, ele batia na gente. Eu mesmo, quando saí de casa para trabalhar fora, eu saí um pouco revoltada, por causa de uma surra que ele me deu. Ele me bateu de facão. Aí, eu tive de gritar que ele tinha me cortado pra poder ele parar de me bater. Aí, nesse dia, eu arrumei minhas coisas, aí minha mãe foi pra maré, saí de casa e fui para Santo Amaro trabalhar, fiquei de porta em porta procurando trabalho. Aí consegui um trabalho como doméstica.

Seu pai não tinha uma profissão definida, ele trabalhava na roça. Mas houve um período em que conseguiu um emprego numa usina de cana-de-açúcar instalada em uma cidade vizinha. Para Eliete, esse trabalho foi um grande divisor na situação financeira da família, pois graças a ele o pai pôde fazer uma casa melhor com a sua ajuda e a de seu

irmão mais velho. A família nunca passou fome, pois sempre existiu um esforço e sacrifício por parte dos pais e dos irmãos mais velhos para que isso não ocorresse.

Quando saiu de casa aos 19 anos, Dona Eliete foi trabalhar em Santo Amaro como doméstica, porém, na residência onde encontrou trabalho, a remuneração era relativamente baixa. Ela mudou-se então para Salvador, onde ficou por cinco anos, inicialmente para continuar trabalhando na mesma função, mas, ao longo de sua estadia na capital, laborou em muitas outras. Sobre essa época ela conta:

Mas esses anos, não foi só trabalhando como doméstica. Depois que eu saí da casa dessa patroa, eu fui trabalhar no ‘Palheta’ (restaurante), trabalhei num salão de beleza na Barroquinha, numa loja de roupas na Baixa do Sapateiro. Quando fui para o Palheta, eu e minha irmã mais velha alugamos uma casinha lá em Tancredo Neves. Aí ela foi trabalhar no Roberto Santos (Hospital), eu também fui trabalhar lá, trabalhei um mês, mas trabalhar em hospital não é pra mim não, eu sou medrosa e ainda minha irmã foi me dizer que tem andar que é mal-assombrado. Quando eu retornei aqui pra Santo Amaro, eu tava com 32 anos.

De volta à comunidade de São Braz, ela ainda trabalhou muito. Atuou como balconista, como atendente de caixa, trabalhou como empacotadora em uma fábrica de papel e, por fim, conseguiu um emprego na Prefeitura como auxiliar de serviços gerais, lotada em uma escola próxima a sua residência. Esse último trabalho foi seu vínculo empregatício mais duradouro, atuou por 26 anos, até conseguir aposentar-se. Mesmo com essa renda fixa, ela aproveitava as férias escolares para vender marisco na cidade vizinha, Cabo Sul.

Foi com essas atividades que ela conseguiu reformar a sua casa, comprar um freezer e construir um quiosque ao lado da sua residência onde costuma vender água, cerveja e refrigerante. A trajetória de Dona Eliete nos faz refletir como grupos historicamente subalternizados, como as mulheres, sempre tiveram de se esforçar mais para conseguir melhores condições de vida, e, quando essa mulher é negra, pobre, e menos escolarizada, a situação é ainda pior.

No texto “A Perspectiva Interseccional de Lélia Gonzalez”, Rios e Rattes (2016) refletem sobre como a intelectual brasileira compreende, a partir de sua ascensão social e experiência pessoal com o racismo, as relações de poder e de opressão do negro e da mulher no Brasil. Assim, quando Gonzalez enfatiza sobre as inúmeras vezes em que foi confundida como empregada doméstica dentro de sua própria casa, ela “conseguiu



explorar os significados sociais, ocupacionais e culturais relativos à naturalização das relações entre classe, raça e gênero, bem como a maneira como essas categorias se articulavam na experiência social da mulher negra.” (Rios; Rattes, 2016, p.389).

Lélia González evidencia que, no Brasil, ascender socialmente não é sinônimo de superação do racismo, pelo contrário, existe uma “naturalização dos lugares sociais”, e isso se dá a partir de uma hierarquia caracterizada pelo gênero e pela raça. Ou seja, para as mulheres negras, foi relegado o lugar da subserviência, do trabalho informal, precarizado e mal remunerado.

O trabalho na escola era muito difícil, pois trabalhava sozinha. Era um trabalho pesado, limpava toda a escola. Entrava às 08h e saía às 17h. Às vezes sua filha ajudava. No final de semana, quando precisava deixar a escola pronta para a segunda-feira, levava os dois filhos para ajudá-la. A vida de Don Eliete hoje é marcada por problemas de saúde, especialmente na coluna, que sem dúvidas possui uma estreita relação com as suas condições sociais e os precários trabalhos acumulados ao longo da vida. Além disso, ela tem hipertensão e, há dois anos, recebeu o diagnóstico de Parkinson.

Eu já trabalhei muito já. Mas também por causa de uma queda que eu tomei em frente à casa da minha irmã (...) tinha uma rampa, essa rampa era de barro e tava chovendo, escorreguei e caí, senti meu corpo abalar todo e não liguei, não fui num médico, não tomei nenhum chazinho, nem nada. Fui indo até que comecei a sentir essas dores, então fiz um raio x e descobri que estou com cinco bico de papagaio, hérnia de disco e artrose. (...) eu tava bem arriada, toda torta que o povo pensou que eu tava de AVC, hoje eu tô melhor, ando de bengala pra poder ter mais firmeza.

Para Antunes (2013), parafraseado por Faria et.al. (2017) apesar das atuais transformações sociais no mundo, “o trabalho continua sendo um eixo estruturante do viver em sociedade” (Faria et al., 2017, p. 541). Ele expressa o vínculo material entre o homem e a natureza. Para as autoras, devemos compreender o trabalho a partir de sua amplitude, para além do espaço de trabalho, pois ele está refletido em nossa vida social, assim, ele é tanto um gerador de saúde, ou, ao contrário, pode ser um componente adoecedor. Cardoso (2015) diz que o trabalho é um determinante no processo de saúde-doença do trabalhador.

Nesse sentido, para compreendermos a relação entre trabalho e saúde, e como ele está adoecendo os trabalhadores/as, devemos ouvi-los e ouvi-las, ou seja, devemos nos

basear nas vivências desses sujeitos, pois: “é ele que realiza o trabalho; é dele que se exige o empenho para fazer o trabalho; é ele quem analisa as condições que tem para realizá-lo; é ele que sofre o desgaste físico, mental e emocional; é ele que, por fim, adoece, sofre acidentes e morre” (Cardoso, 2015, p. 76). Logo, a partir da narrativa de Dona Eliete, fica evidente que as suas debilidades físicas estão diretamente ligadas ao trabalho.

Sojourner Truth (1851), abolicionista afro-americana, pioneira na luta pelos direitos da mulher e dos negros nos EUA, articula em seus discursos as estruturas do racismo, do capitalismo, do machismo e do etarismo. No seu famoso discurso “E não sou uma mulher?<sup>8</sup>”, ela aponta a incoerência e falsa ideia dentro do movimento feminista em que as mulheres eram vistas com um sujeito único, sem, contudo, considerar as diferentes experiências que cruzam os corpos das mulheres negras.

Faz-se necessário compreender cada mulher a partir de suas singularidades, suas experiências e lugares sociais ocupados nessa sociedade que, no caso das mulheres pretas, além de sexista, é também racista. Essa pauta foi uma das bandeiras de luta das feministas negras. Assis (2019) diz que “os feminismos negros, portanto, denunciam que assim como, de maneira estrutural, o sexismo posiciona a mulher de forma subordinada na sociedade, o racismo também ocupa esse lugar quando interseccionado com demais marcadores sociais.” (Assis, 2019, p. 12).

Portanto, retomando as proposições de Sojourner Truth (1851), e refletindo sobre a posição das mulheres idosas não apenas em relação a sua situação etária, mas também a partir da perspectiva de classe e raça, a ativista Carla Akotirene (2019, p.18) pontua que:

(...) na velhice as mulheres experimentam discriminações geracionais impostas pelo mercado de trabalho, o qual as consideram velhas; e de classe, porque perdem o dinheiro da aposentadoria para netos e adultos da família, é a marcação de raça que garantirá às mulheres brancas, seguridade social, pois estas tiveram emprego formal, e a marcação de classe irá mantê-las na condição de patroas. No pensamento de vanguarda de Sojourner Truth, raça impõe à mulher negra a experiência de burro de carga da patroa e do marido. Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; (...) Velhice é como a raça é vivida; e a classe-raça cruza gerações, envelhecendo mulheres negras antes do tempo.

---

<sup>8</sup> Discurso traduzido por Osmundo Pinho e publicado no Portal Geledés.

Segundo a demógrafa Ana Amélia Camarano (2002) existem duas implicações em relação ao envelhecimento feminino: primeiro que “embora as mulheres vivam mais do que os homens, elas estão mais sujeitas às deficiências físicas e mentais do que seus parceiros masculinos” (Camarano, 2002, p. 6) e a outra refere-se à elevada proporção de mulheres morando sozinhas. Para ela, devemos encarar esse contingente

como dependente e vulnerável não só do ponto de vista econômico, como também de debilidades físicas, o que pode acarretar perda de autonomia e incapacidade para lidar com as atividades do cotidiano. Fala-se aqui de mulheres que estão no seu último estágio da vida, o qual é associado com a retirada da atividade econômica, com taxas crescentes de morbidade, principalmente por doenças crônicas (...). (Camarano, 2003, p. 35)

Dona Eliete teve dois filhos, uma menina e um menino, embora nunca tenha sido casada. Ela conviveu com o pai de seus filhos durante cinco anos, em uma relação complicada, pois ele era casado, porém, mentia para ela se dizendo separado. Ele faleceu aos 40 anos, vítima de um acidente vascular cerebral (AVC), deixando Dona Eliete com as duas crianças ainda pequenas. Ela conta que teve de desempenhar os papéis de pai e mãe de seus filhos, além de continuar trabalhando. Ela é muito grata pela ajuda que recebeu de sua mãe, pois cuidava dos netos para que ela pudesse trabalhar.

Atualmente, seus filhos residem, a maior parte do ano, em Salvador, onde estudam e trabalham. Graças às políticas de ações afirmativas, especialmente às cotas raciais, seus filhos terão uma realidade educacional diferente da sua. Hoje, eles estudam administração na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Devido à condição de saúde da mãe, no final de semana, eles revezam a vinda à São Braz para visitá-la e cuidar da casa, pois ela, em função das debilidades físicas, não pode mais realizar os afazeres domésticos.

Em nossa conversa, refletimos sobre as desigualdades de gênero, perguntei-lhe se ela acredita existir diferenças entre as mulheres. Para ela, todas as mulheres são iguais, porém o que as diferencia é a maneira como são tratadas e, no caso das mulheres negras, essa diferença é evidenciada por meio da discriminação. Ela diz perceber essas diferenças nas instituições, pois muitas vezes já percebeu tratamento diferenciado para as pessoas brancas em detrimento das pessoas negras. Uma clara expressão de racismo institucional.

Entretanto, faz-se necessário destacar, conforme defende Audre Lorde (1987), que as diferenças de raça, gênero e sexualidade são reais e devem ser consideradas. A autora

ênfatiza que as diferenças entre as mulheres não devem ser vistas como a causa da desunião e separação, pelo contrário, o que separa as mulheres é justamente a recusa em reconhecer essas diferenças e analisá-las segundo as suas manifestações e representações (Assis, 2019).

Dona Eliete acredita que nem todas as mulheres têm as mesmas oportunidades. Na fala a seguir, ela reflete sobre as desigualdades e dificuldades enfrentadas por mulheres pobres da zona rural, em relação às oportunidades de acesso e permanência na escola:

Existe uma diferença de tratamento, não acho que todas tenham a oportunidade de estudar não, principalmente as pessoas que moram assim na roça, em lugar assim bem atrasado, tem pessoas que tem de atravessar mar. Quanto mais rica a pessoa é, mais condição ela tem de estudar e trabalhar. Meus pais mesmo, se eles tivessem uma condição melhor, aí a gente tudo tinha estudado. Agora não, que agora tudo tá mais fácil, no tempo que eu estudava era uma farda para as duas, minha irmã estudava de tarde e eu estudava de manhã, ela esperava eu chegar da escola para vestir a mesma farda. Eu ia pra escola andando, era aqui perto, foi no primeiro colégio daqui, hoje tá desativado, e construíram outro. Eu gostava de ir pra escola, era um alívio porque aí eu não precisava ir pra roça. Eu achava muito difícil o trabalho na roça, às vezes, eu mentia para o meu pai dizia que tava com dor de barriga, que tava com dor de cabeça para não ir pra roça. Ainda tinha a água no rio que a gente tinha que ir buscar lá longe, era água para beber, a gente pegava e coava e botava no porrão<sup>9</sup>, pra outras coisas a gente pegava na cisterna. Eu pensava muito na minha mãe e nos meus irmãos, era uma luta para criar eles, eu tive que trabalhar, por isso que os outros concluíram os estudos, os mais velhos tiveram que abrir mão de estudar pra poder trabalhar. Quando eu trabalhei em Salvador, eu não queria vir embora, porque seria mais um fardo pros meus pais e ia ter de voltar tudo que era, eu ia voltar pra maré, pra roça, e eu não queria voltar pra essa vida.

O processo de envelhecimento de Dona Eliete foi marcado pelas debilidades físicas. Ela sempre foi uma mulher que gostou de sair, ir às festas, tomar cerveja com os amigos, mas com o aparecimento dos primeiros problemas de saúde, ela foi parando. Aos poucos, Dona Eliete começou perceber os primeiros sinais em seu corpo, que revelavam seu processo de envelhecimento.

Algumas rugas surgiram em seu rosto revelando as marcas do tempo, a pele na região do pescoço foi encolhendo, os fios de cabelo foram ficando cada vez mais branco.

---

<sup>9</sup>Artefato de barro utilizado para guardar água.

Inicialmente, ela pintava, até que decidiu parar, pois entendeu que esta era sua nova realidade, e ela teria de se conformar, pois a tendência é ficar velho, por isso foi tranquilo aceitar esse processo de transformação do corpo. Uma das coisas de que mais gosta na velhice, é como é tratada. Segundo Eliete, em comunidades tradicionais, existe um respeito pelos mais velhos, as pessoas costumam respeitá-la e valorizá-la por onde passa.

Com os problemas de saúde vieram os altos custos para se manter bem. Inicialmente, ela começou seu tratamento da coluna no SUS, em Santo Amaro. Ela conta que dependia da ambulância pegá-la em São Braz e levá-la à cidade, mas sempre chegava atrasada nas consultas, então decidiu mudar para um médico particular, sem plano de saúde, custeava os remédios e a ida ao médico que atendia em Salvador com a renda de sua aposentadoria, por isso, mesmo com as debilidades, ela ainda trabalhava e trabalha em seu quiosque, pois ajuda na complementação da renda. Hoje, ela não vai mais a esse médico, pois ficou muito caro os custos. Continua com a medicação, que a ajuda no controle das dores. Sem os problemas de saúde, a velhice seria a melhor fase de sua vida.

Em relação à solidão na velhice, ela sente-se só quando os filhos não estão perto. Ela mora sozinha e, quando está em sua casa, fica pensando em coisas que podem acontecer com ela, como passar mal, morrer e, às vezes, ela fica triste. Ela se sente mais sozinha agora do que quando era mais jovem. Porém, mesmo se sentindo assim, nunca impediria os filhos de viver essa experiência educacional. A vontade dos filhos é levá-la para ficar com eles em Salvador, mas ela diz que prefere ficar em São Braz, lá eles saem para trabalhar e estudar, entre ficar sozinha em Salvador ou em sua casa, ela prefere ficar em sua casa. Para ela a solidão *"não é coisa boa não. É uma coisa muito ruim."*

Um estudo realizado por Queiróz e Lise (2021), em que buscaram conhecer as representações sociais da solidão em mulheres idosas não institucionalizadas, evidenciaram que a grande maioria das mulheres idosas sentem a solidão ao se perceberem sozinhas em suas residências e/ou distantes de seus familiares, sentimento este relacionado “a saudade constante, abandono, desânimo, tristeza, angústia, desesperança, ‘sem afeto’ e ‘sem alegria para nada’”(QUEIRÓZ; LISE; 2021, s.p.). Essas

características revelam a representação social de que a solidão é construída de maneira subjetiva e multifatorial.

Um importante elemento de sua vida é a religiosidade. Eliete é uma mulher de muita fé, ela é presença constante em todas as festas e celebrações de sua igreja, a Paróquia Nossa Senhora da Soledade. Para além de ser um espaço onde ela pode manifestar sua fé e religiosidade, a igreja é um local de encontros e conversas, onde pode manter ativa suas relações sociais com os demais moradores da comunidade. Mesmo com suas limitações, ela não deixa de participar das procissões, missas, grupos de oração, etc. Essa é uma prática que a faz se sentir muito bem e a ajuda a se sentir menos sozinha. A narrativa de vida de Dona Eliete revela as dificuldades que uma mulher preta e pobre enfrenta para sobreviver e o resultado é uma velhice sem qualidade de vida e condições dignas de existência.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo o Estatuto do Idoso, o envelhecimento é um direito personalíssimo, aquele que é intransferível e inalienável, e deve ser protegido socialmente. Nesse sentido, entendemos que envelhecer é um direito a ser assegurado a todo indivíduo brasileiro. É fato que todos anseiam alcançar essa fase da vida com boa saúde, morando em uma casa confortável, convivendo com os amigos, familiares e celebrando a vida. Porém, esta não é a realidade da maioria dos nossos idosos, especialmente de mulheres negras idosas.

Conforme o objetivo deste trabalho, em que discutimos sobre os impactos da solidão na vida de mulheres negras idosas e de baixo poder aquisitivo, compreendemos que a solidão é um sentimento difícil de se expressar, além de ser um sentimento complexo e subjetivo que pode ser refletido no corpo, na mente e nas relações sociais das pessoas. Ela pode manifestar um estado psíquico de sofrimento que causa muitos males. No campo das Ciências Sociais, ela é entendida como um fenômeno social. E, neste sentido, ela é fruto da marginalização social, da exclusão, das desigualdades e preconceitos.

De acordo com os dados das entrevistas, as mulheres idosas do recôncavo baiano sentem a solidão ao se perceberem sozinhas em suas casas sem a presença dos filhos e familiares, nesse momento costumam ficar tristes e angustiadas. Um elemento

interessante na vida dessas mulheres é o fato de ambas participarem de instituições em que podem manter os vínculos sociais ativos - centro de convivência e a igreja -, isso sem dúvida exerce uma enorme influência sobre como o sentimento da solidão tende a impactar suas vidas. Essa questão revela a necessidade de políticas públicas voltadas para esse segmento a fim de promover meios para que as sociabilidades desses sujeitos se mantenham ativas nessa fase da vida, evitando assim outros problemas decorrente ou não da solidão.

Ao analisarmos seus impactos na vida das mulheres idosas negras do Recôncavo Baiano, considerando os diferentes aspectos de suas vidas - como sua condição desigual e desprivilegiada de gênero, de raça, de classe social, de nível educacional, de território, etária, e de condições de saúde -, identificamos que quando essas categorias se cruzam elas produzem dimensões mais profundas das desigualdades e experiências sociais, políticas e pessoais dessas mulheres, como baixa escolarização, trabalhos precarizados, baixa remuneração, precárias condições de saúde, etc.

Ao analisarmos suas narrativas percebemos como alguns padrões se repetem e se reproduzem na vida e experiência de muitas mulheres pretas, vítimas do racismo e do sexismo, que mesmo quando fogem à regra, como na experiência de Lélia Gonzalez e de outras, a raça e a classe sempre irá posicioná-las em um lugar de subserviência. Essas desigualdades se perpetuam e se manifestam nos mais diferentes espaços da nossa sociedade, como, por exemplo, na educação, no mercado de trabalho, no acesso a bens e serviços, e outros.

Desta forma, ficou evidente como as histórias de Eliete e de Edina se cruzam e se assemelham: ambas ocuparam trabalhos socialmente desvalorizados que apenas garantiam suas sobrevivências, mantendo-as disponíveis como mão de obra barata, situação diretamente ligada às condições de gênero e de raça. Experimentaram as dificuldades de viver na zona rural e, como consequência, sofrem com a baixa escolarização. Abdicaram de sonhos, sacrificaram vontades próprias pelo bem e cuidado de outros, tiveram a experiência do abandono e de relacionamentos conturbados, em que tiveram de assumir sozinhas a responsabilidade e o cuidado dos filhos. Tinham uma vida economicamente precária, o que não lhes garantiu na velhice condições dignas de existência.

Portanto, as narrativas de vida de Edina e Eliete demonstram que, estruturalmente, existe um lugar social e ocupacional relegado para a mulher preta. Este lugar social e ocupacional vem desde à colonização, com o processo de escravidão, e resulta em encargos como o de empregada doméstica, faxineira, lavadeira, cozinheira, babá, etc. Aqui, no contexto atual, não estamos descredibilizando essas profissões, somente explicitando a naturalização das relações de raça, classe e gênero que sempre posiciona as mulheres negras nesses lugares sociais, especialmente o doméstico e do cuidado. Isso amplia as dificuldades de acesso aos direitos básicos, como saúde, educação, alimentação, moradia e outros.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Coleção Feminismos Plurais, São Paulo: Pólen, 2019.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. *Interseccionalidades*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019, p. 27-38.

AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 313-324, 2016.

BRANDÃO, Ana Maria. Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. *Configurações*, n.º 3, 2007, p. 83-106.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). *Recôncavo da Bahia - sociedade e economia em transição*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 1998.

CAMARANO, A. A. *Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica*. Texto para discussão (TD) n.º 858. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

\_\_\_\_\_. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo: IPEA, 2003, p. 35-64.

CARDOSO, A. C. M. O trabalho como determinante do processo saúde-doença. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 27, n. 1, P.73-93, 2015.

CARRANÇA, Thaís. *Censo 2022: quais são os 9 municípios do Brasil onde autodeclarados pretos são maioria*. BBC NEWS BRASIL, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2lw9vydeko#:~:text=Com%2038%2C7%20mil%20habitantes,o%20Censo%202022%20do%20IBGE>. Acesso em: 16 jul. 2024,





COLLINS, P. H; BILGE, S. *Interseccionalidade*. Rane Souza. 1. ed. (2021). São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVIS, A. 1944. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Livro I).

DeCS- Descritores em Ciências da Saúde. Solidão. [online] Disponível em: [https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=8308&filter=ths\\_exact\\_term&q=SOLIDaO](https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=8308&filter=ths_exact_term&q=SOLIDaO). Acesso em: 15 mai. 2022.

DIAS, Marly de Jesus; SERRA, Jacira. Mulher, Velhice e Solidão: Uma Tríade Contemporânea?. *Serv. Soc. & Saúde*, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 9-30 jan./jun. 2018.

GIDDENS, A. SUTTON, P. W. *Conceitos essenciais da sociologia*. Tradução: Claudia Freire. 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . *Censo Brasileiro de 2022*. [online] Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. 2022. Acesso em: 15 jul. 2024.

IBGE. PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA (PNAD contínua) - Educação. [online] Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. 2019. Acesso em: 31 mai. 2023.

IBGE EDUCA. Indicadores Sociais da Mulheres no Brasil.[online] Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html#subtitulo-1>. Acesso em: 02 mai. 2023.

FEIJÓ, J. Diferenças de gênero no mercado de trabalho. [online] Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/diferencas-genero-mercado-trabalho>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FARIA, R.M.O; LEITE, I.C.G; SILVA, G.A. O sentido da relação trabalho e saúde para os assistentes em administração de uma universidade pública federal no Estado de Minas Gerais. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 27 [ 3 ]: 541-559, 2017.

LEMOS, Márcio. Entrevista em profundidade. [online] Disponível em: [https://www.academia.edu/40341328/Entrevista\\_em\\_profundidade](https://www.academia.edu/40341328/Entrevista_em_profundidade). Acesso em: 08 mai. 2023.

LUCCHESI, Geraldo. Envelhecimento Populacional: Perspectivas para o Sus. In: BRASIL. Centro de Estudos e Debates Estratégicos. *Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017, p. 43-59.

MOTTA, A. B. Idade e Solidão: a velhice das mulheres. *Feminismos*, Salvador, vol.6, n.2, mai/ago. p. 88-96, 2018.

MOTTA, A. B. da; DELGADO, J.; CAVALCANTI, V. R. S. Envelhecer no feminino. *Feminismos*, Salvador, vol.6, n.2, mai. / ago. p. 62-65, 2018.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e Envelhecimento: Estudo de casos sobre Feminização e direitos de mulheres idosas. *Revista Ciência em Extensão*. v. 6, n. 1, p. 40, 2010.

PAIS, J. M. Tempos de Solidão. [online] Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/acervo/tempos-de-solidao/>. Publicado em: 14.12.2013. Acesso: 27 maio 2022.

POMPEU, J. C.; MAGALHÃES, L.C.G; ARAÚJO, C.R.C.D.; YANNICK, K.C.J. *TIPOLOGIAS DE ESTRUTURA DE CLASSE NO BRASIL: DISCUSSÃO TEÓRICA, PROPOSTA METODOLÓGICA E IMPLICAÇÕES PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS*. Texto para Discussão (TD) 2592 – IPEA, Brasília, set de 2020.

QUEIRÓZ, A; LISE, F. Envelhecendo Sozinha: representações sociais sobre a solidão de mulheres idosas. [online] Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe>. Publicado: 30/09/2021. Acesso em: 18 maio 2022.

RIOS, Flávia; RATTES, Alex. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: *Pensadores Negros - Pensadoras Negras: Brasil Séculos XIX e XX*. Org. Ana Flávia Magalhães Pinto e Sidney Challhoub. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 387-403.

RODRIGUES, L. Estudo revela tamanho da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. [online] Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS, CORPO, 1993.